

PROFESSOR DOUTOR AUGUSTO CHAVES BATISTA; UM PESQUISADOR MICOLOGISTA À FRENTE DO SEU TEMPO NO RECIFE

ROMERO MARINHO DE MOURA^{1, 2, 3}
LEONOR COSTA MAIA⁴

¹Academia Brasileira de Ciência Agronômica, Recife, Pernambuco.

²Academia Pernambucana de Ciência Agronômica, Recife, Pernambuco.

³Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, Laboratório de Microbiologia e Imunologia, Vitória de Santo Antão, Pernambuco.

⁴Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Biológicas, Departamento de Micologia, Recife, Pernambuco.

Autor para correspondência: romeromoura@yahoo.com.br.

Na qualidade de estudante de agronomia, tive o privilégio de conhecer o Professor Augusto Chaves Batista, por um período de um ano. Por mais outro ano, estive próximo a ele como estagiário de Micologia no seu laboratório, sob a sua orientação. Pude concluir que se tratava de uma pessoa incrível: muito culto, incansável, obcecado, às vezes confuso, solitário, mal entendido e invejado; um homem diferenciado e um grande cientista.

Romero Marinho de Moura

Augusto Chaves Batista nasceu em Santo Amaro (Bahia, Brasil) em 15 de junho de 1916. Era filho de José Otaviano Batista e Teodora Amélia Chaves Batista. Coursou o ensino fundamental e o médio em Santo Amaro e em dezembro de 1937 concluiu o curso de Agronomia pela Escola Agrícola da Bahia, que então funcionava em Salvador, hoje Faculdade de Agronomia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Cruz das Almas, BA. Como aluno universitário destacou-se como o laureado da turma. Teve como mestre em Fitopatologia e Micologia o cientista emérito Padre Camille Torrend, a quem homenageou colocando o seu nome no Herbário do Instituto de Micologia e numa importante espécie fúngica, taxonomicamente válida por

décadas e que causa uma importante doença no coqueiro.

Ao concluir o curso superior, o Prof. Chaves Batista trabalhou como agrônomo no estado do Rio de Janeiro (1938) e no Mato Grosso (1939). Após esse período, lecionou Física, Química, História Natural e Geografia no Colégio Antônio Vieira em Salvador, BA (1940-1942). A partir de 1940, fez várias viagens de estudos adicionais, se especializando em Bacteriologia, Fitopatologia e Microtécnicas, na *A&M Graduate School, USA* onde foi qualificado como aluno excelente. Frequentou também em estudos a *Texas Agricultural Experimental Station*, também nos Estados Unidos da América. Em 1946, o Professor Chaves Batista interrompeu suas atividades na Bahia, para ingressar na então Escola de Agronomia, hoje Departamento de Agronomia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), no Recife, PE. Tornou-se professor de Fitopatologia e de Microbiologia do Solo, sendo nomeado também para o Instituto de Pesquisas Agronômicas de Pernambuco (IPA), atualmente Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA), chefiando a Seção de Fitopatologia. No período de 1950 a 1951 estagiou no *Commonwealth Mycological Institute*, atual *International Mycological Institute (IMI)*, na Inglaterra.

Em 1954, ficou à frente da fundação e da organização do Instituto de Micologia da então Universidade do Recife (IMUR), hoje Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Este instituto foi mais tarde incorporado ao recém criado Departamento de Micologia da UFPE, sendo nomeado o primeiro Diretor, cargo que ocupou até falecer. O IMUR foi o primeiro e único instituto de pesquisas da América Latina dedicado inteiramente ao estudo dos fungos.

A partir da criação do Instituto de Micologia, o Professor Chaves Batista dedicou o melhor de sua capacidade para a identificação de fungos, conduzindo intensas pesquisas e análises tanto do ponto de vista da Micologia pura quanto da aplicada. Suas pesquisas também foram direcionadas à Microbiologia do Solo. Nesta área, conduziu pesquisas sobre a mobilização mineral por fungos, além de estudar as relações desses fungos com outros micro-organismos do solo. Como parceiro científico nesta área, contou com a excepcional influência científica do também agrônomo Professor. Clovis Silva Fernandez, fitopatologista, microbiologista e fisiologista do antigo Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Nordeste (IPEANE) e também professor

da UFRPE. Por meio dessas pesquisas, o Professor Chaves Batista tentou encontrar maneiras de melhorar os solos agrícolas do Norte e Nordeste do Brasil, aumentando os índices de fertilidade. Vários desses trabalhos, que incluíram a prospecção de fungos, entre outros, foram conduzidos nos estados de Roraima, do Amazonas, Maranhão, Pará, Paraíba e Pernambuco.

As pesquisas no Instituto de Micologia eram desenvolvidas com aporte financeiro gerado por convênios com outras instituições, entre os quais o Ministério da Agricultura, o Ministério das Minas e Energia, a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), o Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) e com os Governos dos Estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Maranhão e Amazonas. Os trabalhos envolviam cerca de uma centena de funcionários (pesquisadores, estagiários, técnicos e pessoal administrativo), a maioria mantida com verba dos convênios. Como destacado publicamente, “a força de persuasão e a integridade do caráter do Professor Chaves Batista, assim como seu idealismo tornaram possível ao Instituto de Micologia, encontrar o necessário suporte financeiro em agências governamentais estaduais e federais para, pelo menos, enquanto estivesse vivo, manter a continuidade das pesquisas” (SINGER, 1969). Além disto, o Professor Chaves Batista também obtinha recursos financeiros do exterior, conforme mencionado no *Annual Report* (1958) da *Rockefeller Foundation*, USA, onde estão registradas verbas concedidas a pesquisadores americanos para realizarem investigações no Instituto de Micologia do Recife e para o próprio Professor Chaves Batista visitar diversas instituições europeias de pesquisas micológicas.

O Professor Chaves Batista participou e adquiriu considerável experiência em congressos internacionais em quase todos os países da América Latina e na Europa, incluindo-se a Inglaterra, França, Suíça, Itália e Portugal. Também recebeu regularmente a visita de micologistas de diversos países para troca de experiências, estabelecendo parcerias em trabalhos taxonômicos. Como exemplo, apenas em 1963-1964, foram registradas as seguintes visitas ao Instituto de Micologia: Dr. Peter Walker, *National Institute of Medical Research, London, England*; Dr. Wheear, Reitor da *Colorado State University, USA*; Dr. Leo Y. Miedler, *University of Michigan Medical Center, Ann Arbor, USA*; Dr. H. Roeser-Bonnet, *Institute of Tropical Hygiene, Amsterdam, Holanda*; Dr. S.K. Shome, *West Bengal University, Índia*; Col. Leonard Orman, Chefe do *Latin*

America Research Office; Prof. Metry Bacilla, Instituto de Bioquímica, Paraná; Prof. Amadeu Cury, Instituto de Microbiologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Dr. Antonio Couceiro, Vice-Presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); Dr. José Ermírio de Morais, Ministro da Agricultura do Brasil Segundo consta das *Mycological Society Newsletter*, 1962; 1963.

O Professor Chaves Batista foi considerado, dentro e fora do Brasil, um cientista de rara habilidade, não se especializando apenas em um grupo particular de fungos, mas publicando trabalhos sobre vários tipos de microorganismos. Além disso, foi excelente taxonomista, dedicando estudos particularmente às variações morfológicas dos fungos. Essas qualidades lhe valeram o título de “O mais versátil micologista”, uma qualificação dada por Dr. C. G. *Ainsworth*, do *Commonwealth Mycological Institute*. Na expressão do Dr. J. A. von Arx, foi “a energia do Instituto de Micologia e um cientista entusiasmado que conseguiu realizar suas ambições”.

Na qualidade de cientista muito atuante, foi membro de muitas sociedades científicas, entre as quais a Sociedade de Botânica do Brasil, atuando como Tesoureiro do 4º Congresso Nacional de Botânica, realizado no Recife, em 1953. Pertenceu a Academia Brasileira de Ciências (ABC), *The British Mycological Society*, *The International Association for Plant Taxonomy* e *The Mycological Society of America (MSA)*. Foi Vice-Presidente da Sociedade de Biologia de Pernambuco (1954-1955) e Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Micologia (1960). Atuou como membro da *1ª Session Européenne de Mycologie*, em Bruxelas (1956), na qualidade de membro da Academia Brasileira de Ciências (1956) e da UNESCO, para assuntos de Micologia (1957). Foi ainda redator da Revista de Biologia (Portugal), membro do Conselho Editorial da *Mycopathologia et Mycologia Applicata* (Holanda) e do Conselho Científico da Folha Médica (Rio de Janeiro). Como membro da MAS, sempre enviava notícias para serem divulgadas sobre o Instituto de Micologia, inclusive colocando anúncios para contratação de pesquisadores. Em 1963, por exemplo, anunciou a existência de duas vagas, no Instituto para interessados em Microbiologia do Solo e nas ordens de fungos Hyphomycetes e Ascomycetes. Detse modo, buscava trazer, para os quadros do Instituto, pessoal qualificado do país e do exterior, visando ampliar as pesquisas micológicas no Brasil.

Recebeu várias premiações, entre as quais o título de Doutor Honoris

Causa da Universidade do Recife (1954), a Medalha de Honra (1956) e de Cavaleiro de São Ciro (1959), ambas da Universidade de Pávia, Itália, a Medalha de Mérito da Cidade do Recife (1963). Além disso, ocupou a cadeira No. 17 da galeria de Micologistas Notáveis, na Holanda (1958). No Brasil recebeu ainda o Prêmio Moinho Recife (1965), concedido em reconhecimento à sua excelência como cientista e pesquisador. Essa iniciativa dos Grandes Moinhos do Brasil S.A. tem ampla repercussão e os premiados são escolhidos pela contribuição de suas obras, como atestam as homenagens prestadas ao pesquisador, cujo brilhante discurso durante a sessão de outorga do prêmio foi depois publicado (BATISTA, 1967).

O Professor Chaves Batista contribuiu para a publicação de cinco livros e mais de 700 artigos, onde constam mais de 4.600 descrições de fungos, representando 3.440 binômios e trinômios em mais de 1.160 gêneros e cerca de 160 famílias. A maioria desses artigos apareceu como uma série numerada (Publicações do IMUR - Instituto de Micologia, Universidade do Recife). Muitas dessas publicações foram também publicados em revistas científicas internacionais como a *Brotéria*, *Memórias da Sociedade Broteriana*, *Mycophatologia et Mycologie Applicata*, *Nova Hedwigia*, *Portugaliae Acta Biologica*, *Revista Dermatologia Venezolana*, *Revista Brasileira de Microbiologia*, *Rivista de Patologia Vegetale*, *Saccardoia*, *Sydonia*, e em diversos Anais de Congressos. Contribuiu ainda com várias matérias de divulgação técnica sobre Micologia e Microbiologia em jornais do Rio de Janeiro, de Mato Grosso, da Bahia e de Pernambuco. A grande obra micológica do Professor. Chaves Batista encontra-se em fase de organização e catalogação, para publicação biográfica, pelo professor doutor José Carmine Dianese, brilhante micologista brasileiro e professor da Universidade de Brasília. Com extrema capacidade para o trabalho, o Professor Chaves Batista despendia diariamente, em média, 12 horas ininterruptas em pesquisas e nos demais afazeres no Instituto de Micologia. Por sua dedicação levou o nome do Instituto a todos os continentes e por sua capacidade como pesquisador, associados aos notáveis resultados obtidos em pesquisas em diversas áreas (agrícola, médica, microbiológica, taxonômica), ocupa um lugar de respeito e admiração no país e no exterior. Ainda hoje, mais de 45 anos após o falecimento, os seus trabalhos são consultados e referidos nas mais importantes publicações em Micologia.

Como lembrado pelos colegas mais próximos, o Professor Chaves Batista

desejava morrer trabalhando, o que de fato ocorreu, em 30 de novembro de 1967, após sofrer uma hemorragia cerebral em seu gabinete de trabalho, no Instituto de Micologia. Precocemente falecido aos 51 anos, deixou um legado inestimável e pelo trabalho realizado é ainda hoje considerado um dos maiores micologistas brasileiros. Sem dúvida, foi um dos que mais contribuíram para os estudos taxonômicos e da diversidade de fungos no país. Sua biografia foi publicada no Brasil (CARNEIRO, 1968) e exterior (SINGER, 1969). Muito centralizador, vaidoso e de personalidade forte, Professor. Chaves Batista deixou poucos amigos verdadeiros e inimigos discordantes que tentam - ainda nos dias de hoje - destruir o seu legado. Entretanto, aqueles que lidam com as ciências microbiológicas sabem do valor de muitas das suas publicações, que foram em grande maioria bem aceitas pela comunidade científica mundial. Finalmente, durante o período de 12 a 16 de novembro de 2007, por ocasião do 5º Congresso Brasileiro de Micologia, promovido pela Sociedade Brasileira de Micologia (SBMy), realizado no Recife, PE, foi concedido, pela primeira vez, o Prêmio Augusto Chaves Batista, tornando para sempre lembrado e homenageado o nome do grande micologista baiano / pernambucano. O prêmio é concedido ao melhor trabalho de pesquisa realizado por um estudante de graduação e por outro da pós-graduação, mestrado ou doutorado.

Do antigo Instituto de Micologia dos anos 50-60 sobrevive como parte do seu legado, trabalhando com muita competência, herdeiros científicos do Professor. Chaves Batista, que labutam no processo de formação de recursos humanos, ao nível de mestrado e doutorado em Fisiologia de Fungos, com muito sucesso.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, A. C. **Micologia**: algumas de suas implicações político-sócio-econômicas. Recife: Empresa Jornal do Comércio, 1967.
- CARNEIRO, L. S. Augusto Chaves Batista (1916-1967). **Mycologia**, v. 60, p. 1137-1139, 1968.
- KIRK, P. M.; CANNON, P. F.; MINTER, D. W.; STALPERS, J. A. **Ainsworth & Bisby's dictionary of the fungi**. 10th ed. Wallingford, Oxon, UK: CABI Europe, 2008.
- MYCOLOGICAL SOCIETY OF AMERICA NEWSLETTER, v. 13, n. 2, 1962.

MYCOLOGICAL SOCIETY OF AMERICA NEWSLETTER, v. 14, n.1/2, 1963.

SINGER, R. Augusto Chaves Batista (1916-1967). **Sydowia**, v. 22, p. 343-359, 1969.
Disponível em: < http://www.cybertruffle.org.uk/people/0001525_.htm>. Acesso em: 03 abr. 2013.